

LICÃO Nº 4 – A FALÁCIA DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

Subsídio elaborado por
Inacio de Carvalho Neto.

E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Comentários iniciais:

I. CONCEITOS DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

- Dinâmica: iniciar questionando qual o **gênero** de cada um. Depois das respostas, explicar que errou quem respondeu masculino ou feminino. Masculino ou feminino só são gêneros para substantivos; para os seres humanos, são sexos, não gêneros. Somos todos de um só gênero: o gênero humano.

- Mas os seres humanos se distinguem pelo sexo. Aí sim, temos o sexo masculino e o sexo feminino.

- Na gramática, usamos gênero masculino e gênero feminino para indicar que se trata de uma convenção social. Tanto é assim que a mesma palavra pode ser masculina em uma língua e feminina em outra. Além disso, algumas línguas têm outros gêneros: o neutro, nas línguas inglesa, alemã, grega etc; a língua Dyirbal (australiana) tem 4 gêneros (masculino, feminino, neutro e mais uma para fogo, água e coisas perigosas); as línguas bantas (africanas) chegam a ter 12 gêneros. Em suma, na gramática, gênero é uma convenção social; portanto, cada sociedade escolhe o gênero das palavras da forma como achar melhor.

- Mas quando se fala em sexo do ser humano, não se trata de convenção social; é biológico. Portanto, não dá pra escolher. Fomos criados com o sexo em que nascemos (masculino ou feminino).

- Vivemos em uma época em que a pergunta “quem sou eu?” deixou de ter uma resposta estável. Aliás, uma das características da pós-modernidade é justamente a relatividade, ou seja, nada tem resposta absoluta, tudo é relativo. Um sociólogo polonês chamado Zygmunt Bauman diagnosticou isso chamando de “pós-modernidade líquida”; segundo ele, assim como um líquido, a sociedade hoje também não tem forma, não tem solidez, não tem estabilidade, não tem previsibilidade.

- Nesta linha, o mundo passou a ensinar que identidade não é algo recebido — é algo construído. Mas aqui já vai um questionamento: se tudo é “construção”, esta ideia também é uma “construção”, ou seja, não é uma verdade absoluta, é questionável.

1. Origem do termo

- Essa ideologia não surgiu do nada. Foi em meados do século XX que o psicólogo John Money começou a defender que não existe relação necessária entre o sexo biológico e a identidade sexual. A partir daí, essa ideia se espalhou para várias áreas: filosofia, sociologia, psicologia.

- Com o tempo, pensadores como Jean-Paul Sartre reforçaram a ideia de que o ser humano não tem uma essência fixa, mas se constrói. Vamos lembrar que Sartre era adepto da corrente existencialista,

que defende que “a existência prece a essência”, ou seja, o ser humano não tem natureza fixa, ele se constrói.

- Depois, já no pós-estruturalismo, Michel Foucault argumentou que as identidades são construções sociais. Ele defende que a identidade é produto de relações de poder; categorias como “homem” e “mulher” são construções históricas.

- E mais recentemente, Judith Butler afirmou que o gênero não é algo que a pessoa é, mas algo que ela “performa”. Aqui nasce a ideia de que gênero é diferente de sexo biológico.

- Para essa ideologia, uma pessoa pode nascer biologicamente homem e, ainda assim, identificar-se como mulher, ou vice-versa. Ou seja, a base filosófica dessa ideologia é: **você não descobre quem você é — você decide quem você é**. Esta questão foi totalmente ideologizada mais recente, especialmente nas duas últimas décadas, tornando-se uma pauta importante da chamada “Cultura Woke”, defendida com ardor pela esquerda.

- Mas aqui já surge um problema sério: se a identidade depende apenas da decisão humana, ela perde sua base objetiva. E uma identidade sem base gera instabilidade.

- É exatamente isso que vemos hoje: jovens confusos; ansiedade crescente; dificuldade em saber quem são.

- Romanos 1.25 explica isso com clareza: “Pois mudaram a verdade de Deus em mentira...”. A queda do ser humano desestabilizou tudo na criação. O diabo tenta colocar tudo que Deus criou perfeito em conflito. Quando o ser humano abandona a verdade revelada, ele tenta construir outra — mas essa construção não se sustenta.

2. Separação entre sexo e gênero

- Um dos pilares dessa ideologia é a separação entre sexo biológico e gênero psicológico. Segundo essa visão, o sexo é biológico, mas o gênero é a identidade interna.

- E aqui está uma das maiores rupturas com a realidade criada. Porque essa ideia afirma que o corpo pode ser ignorado. Que a biologia não define nada. Que o “eu verdadeiro” está separado do corpo. Então, meu corpo é irrelevante? Não vale nada?

- Mas a Bíblia nunca ensinou isso. Salmos 139.13-14: “Tu possuíste o meu interior... de um modo assombroso e maravilhoso fui feito.”

- A Bíblia mostra que: o corpo não é acidente; o corpo não é erro; o corpo faz parte da identidade.

- O ser humano não é dividido em dois “eus” conflitantes. Ele é um ser integral. Nós somos corpo, alma e espírito, um todo unitário, não conflitante. Quando essa unidade é quebrada, surge conflito interno. E esse conflito não traz liberdade — traz confusão.

- Alguém já se imaginou em um corpo diferente do seu? Eu vivendo no corpo de fulano! Seria isso razoável?

- Além disso, quando crianças e adolescentes são ensinados que sua identidade pode mudar conforme sentimentos, isso gera: insegurança (já que os sentimentos mudam o tempo todo); instabilidade emocional; decisões precipitadas.

- Porque sentimentos são reais, mas não são autoridade final. Jeremias 17.9: “Enganoso é o coração...”. Exemplo: sentir ódio é certo? Mesmo assim, pode acontecer de sentirmos. Se sentirmos ódio, o que devemos fazer? Conformarmo-nos com esse sentimento e aceitar? Certamente que não!

- Isso não significa ignorar sentimentos — mas significa não colocá-los como base da verdade. A identidade não pode ser construída apenas sobre aquilo que muda.

3. Movimentos e ativismos

- A ideologia de gênero não ficou apenas no campo teórico. Ela se tornou um movimento cultural e político.

- Hoje vemos: 1) pressão sobre escolas; 2) mudanças em leis; 3) influência nas mídias; 4) tentativa de silenciar opiniões contrárias.

Mas a Bíblia já nos prepara para isso: 2 Coríntios 10.5: “Destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus...”.

- Nossa luta não é contra pessoas. É contra ideias que distorcem a verdade. E isso muda completamente nossa postura. Não combatemos pessoas — amamos pessoas. Mas confrontamos ideias — com verdade.

- Como igreja, nossa missão não é se adaptar à cultura, mas anunciar o Evangelho. E aqui entra uma verdade fundamental: quem define quem somos não é a sociedade, nem nossos sentimentos, mas Deus.

- Daí surge a questão que muitos que assim se identificam sempre fazem: “Deus não quer que eu seja feliz?”. E a resposta óbvia a esta questão é: sim, Deus quer que sejamos felizes. E é justamente por isso que Ele nos criou da forma como somos. Ninguém melhor do que Ele para saber o que nos faz felizes. E seguir qualquer desejo definitivamente não nos faz felizes. Só somos realmente felizes quando seguimos o propósito para o qual fomos criados, o propósito de Deus.

- Outra pergunta muito comum: “E se a pessoa nasceu assim?”. A verdade é que ninguém nasceu assim. Deus nos criou perfeitos. Os problemas surgem em razão de nossa natureza caída, do pecado. A sociedade pós-moderna criou esse problema. É claro que há fatores completos, emocionais, sociais etc. Mas a Bíblia deixa claro que a identidade vem de Deus, não apenas da experiência, e que Deus pode curar todos estes fatores, restaurando a plenitude de nossa vida com Ele.

- Ainda outra pergunta comum: “Por que a igreja se importa com isso?”. Aqui também a resposta é evidente: porque esta questão envolve temas sensíveis para a causa cristã, como criação, identidade, verdade. Não se trata de uma obsessão, nem de perseguição contra algum grupo, é questão de fundamento.

- Mais uma última pergunta: “Não seria falta de amor discordar?”. Na verdade, amar não é concordar com tudo. Amar é querer o bem do outro. E o verdadeiro bem só existe se estiver baseado na verdade. Não existe verdadeiro amor fora da verdade.

II. O QUE A BÍBLIA ENSINA SOBRE GÊNERO E IDENTIDADE SEXUAL

- Agora que entendemos o que o mundo ensina, precisamos voltar ao fundamento: a Palavra de Deus.

1. Deus criou homem e mulher

- Gênesis 1.27: “Criou Deus o homem... macho e fêmea os criou.” Esse texto não é apenas informativo — é estrutural.

- Ele nos mostra que: 1) a identidade humana é dada por Deus; 2) a distinção sexual faz parte da criação.

- Deus não criou um ser indefinido. Não criou algo fluido. Criou homem e mulher. E essa diferença não é problema — é propósito.

- Vivemos em uma cultura que interpreta diferença como desigualdade. Mas a Bíblia ensina que diferença pode ser complementaridade. Isso nos leva a uma reflexão importante: se Deus criou com propósito, negar esse propósito não traz liberdade — traz desordem.

- Além disso, a sexualidade humana é um dom de Deus para formação da família e perpetuação da vida. Negar essas verdades é desprezar a obra do Criador e abrir caminho para a confusão e desordem moral.

- O que seria do mundo se todas as pessoas acolhessem a ideia da ideologia de gênero e resolvessem mudar de sexo? Em apenas uma geração, toda a humanidade estaria extinta.

2. Complementaridade dos sexos

- Efésios 5.31-32: “Deixará o homem seu pai e sua mãe... e serão ambos uma carne.” A união entre homem e mulher não é apenas social — é espiritual. Representa Cristo e a Igreja.

- Isso revela que: 1) a diferença tem significado; 2) a complementaridade tem propósito.

- A ideologia moderna rejeita isso, vendo como opressão. Mas ao rejeitar, ela perde algo profundo: o sentido da relação; o sentido da família; o sentido da identidade relacional.

- E os efeitos aparecem: 1) famílias fragilizadas; 2) relações instáveis; 3) perda de referência.

3. Identidade restaurada em Cristo

- Aqui entramos no ponto mais importante. Gênesis 3 mostra a queda. O pecado trouxe: 1) confusão; 2) desordem; 3) ruptura com Deus. E isso afeta todas as áreas — inclusive a identidade.

- Mas a história não termina aí. 2 Coríntios 5.17: “Se alguém está em Cristo, nova criatura é”. Cristo restaura o ser humano. Ele não apaga a criação — Ele restaura a criação.
- Romanos 12.2: “Transformai-vos pela renovação do vosso entendimento”. A transformação começa na mente. Na forma de pensar. Na forma de entender quem somos.
- E aqui entra algo muito importante, especialmente aos jovens: a maior resposta à crise de identidade não é autoafirmação — é transformação em Cristo. A nova identidade não é construída — é recebida.

III. A RESPOSTA DA IGREJA À IDEOLOGIA DE GÊNERO

- Agora chegamos à parte prática.

1. Proclamar a verdade com amor

- 1 Timóteo 3.15 ensina: “A igreja é coluna e firmeza da verdade.”
- Mas como falar essa verdade? Efésios 4.15: “Falando a verdade em amor...”.
- Esse equilíbrio é essencial. Se tivermos só verdade: viramos pessoas duras. Se tivermos só amor: viramos relativistas.
- Jesus tinha equilíbrio nas duas coisas: tinha verdade, mas também amor. João 1.14: “Cheio de graça e de verdade”. E é isso que precisamos ser.

2. Ensino bíblico nas famílias e igrejas

- Deuteronômio 6.6-7 nos recomenda: “Ensinarás a teus filhos...”. Se a igreja não ensinar: o mundo ensinará. E o mundo já está ensinando.
- Por isso: 1) EBD é essencial; 2) discipulado é essencial; 3) conversa em casa é essencial.
- Identidade não se forma por acaso, forma-se por influência.

3. Acolhimento e restauração

- Aqui está um ponto crucial. Existem pessoas lutando com isso. Pessoas reais, com dor real.
- Em Lucas 5.31, Jesus disse: “Não necessitam de médico os sãos...”. A igreja não é tribunal, é hospital.

- Mas não é hospital do SUS; é hospital que acolhe, que trata, que restaura. Não que ignora a doença. Jesus acolhia, mas também transformava.

CONCLUSÃO

- A Bíblia não começa com o pecado. Começa com a criação. Isso é fundamental.

- Como ensina Nancy Pearcey, o valor humano vem do fato de sermos criados à imagem de Deus. Você tem valor; você tem dignidade; você tem identidade.

- Mas o pecado distorceu isso. E Cristo restaura.

- Hoje, o mundo diz: “Seja quem quiser”. Mas Deus diz: “Eu te criei com propósito”.

- E a grande pergunta é: quem você vai ouvir? Porque quando você tenta se definir sem Deus, você se perde. Mas, quando você se vê como Deus te fez, você se encontra; você se firma; você encontra paz.

- E a verdadeira liberdade não está em ser qualquer coisa. Está em ser aquilo que Deus te criou para ser. Você não precisa inventar quem é; você precisa descobrir quem Deus já disse que você é.

- Concluimos com o resumo da lição: “À luz das Escrituras, aprendemos que homem e mulher foram criados de forma intencional e complementar, e que a verdadeira identidade do ser humano só é plenamente encontrada em Cristo”.